



Jumar da Silva Pedreira

HISTÓRIA DA PÁSCOA: DA DEUSA EOSTRE AO OVO DE CHOCOLATE

Volume 1



Jumar da Silva Pedreira

HISTÓRIA DA PÁSCOA: DA DEUSA EOSTRE AO OVO DE CHOCOLATE

Volume 1

2021 by Jumar da Silva Pedreira

Jumar SPedreira é especialista em gestão e engenharia de produtos pela Escola Politécnica da USP, consultor da MFSP Marketing e professor de história e cultura do cacau e chocolate da Castelli Escola de Chocolataria.

jumarsp@mfsp.com.br
www.mfsp.com.br
Instagram: jumarsp_cacau

ECO Editorial

www.ecoeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Projeto Gráfico e Diagramação

Ana Vasconcelos | ECO Editorial

Revisão

Dida Bessana

JM - Assessoria de Imprensa & Comunicação

José Maria Filho - Jornalista
josemariajornalista27@gmail.com
@josemariajornalista

Capa

A primavera, Franz Xaver Winterhalter (Alemanha, 1805 – 1873), óleo sobre tela, representação da deusa Eostre. Public domain, via Wikimedia Commons.

Foto Ovo de Páscoa: Camila Camacho - Arte em chocolate do Chef Chocolatier Alexandre Bispo.

Esse e-book está disponível gratuitamente em:

Castelli Escola de Chocolataria - <https://castelliescolachocolataria.com.br/blog>
Chocolatras Online - <https://chocolatrasonline.com.br>
MFSP Marketing - <https://mfsp.com.br>

São Paulo, março/2021

Sumário

7

CAPÍTULO 1
Aspectos Mitológicos

15

CAPÍTULO 2
A Páscoa Judaica
(*Pessach*), a Páscoa
Cristã Romana e a
Páscoa Cristã Ortodoxa

27

CAPÍTULO 3
A Lenda da Lebre e dos
Ovos Pintados como
Símbolos da Páscoa



30

CAPÍTULO 4
Sobre Ovos e Coelhos

36

CAPÍTULO 5
O Chocolate e a
Igreja Católica

41

CAPÍTULO 6
A Origem do
Ovo de Chocolate

47

CAPÍTULO 7
Considerações Finais



50

CAPÍTULO 8
Referências Bibliográficas

Foto de Camila Camacho - Arte em chocolate do
Chef Chocolatier Alexandre Bispo.

Agradecimentos:

Alexandre Bispo,
Ana Vasconcelos,
Breno Lerner,
De Mendes,
Ingrid Feliciano,
Patrícia Hernandez,
Silvana Castelli e
Zélia Frangioni

E pela leitura atenta:

Edivalma Santana,
Fátima Falcão,
Luiz Eduardo Baronto,
Marcos Costa e
Stella Miotto

**Dedico este e-book a
Jacob Cremasco, que
me conduziu ao cacau
e ao chocolate.**

Apresentação

Sem intenção de esgotar o tema, o volume I do e-book *História da Páscoa: da deusa Eostre ao ovo de chocolate*, buscou reunir informações sobre a história que nos levou ao primeiro ovo de chocolate oficialmente registrado na história do cacau e do chocolate, lançado em Bristol, em 1873, pela empresa britânica J. S. Fry & Sons, tornando-se quase 150 anos depois o maior símbolo comercial da Páscoa.

Ovos e coelhos são símbolos modernos da Páscoa cristã, provavelmente ressignificados dos cultos pagãos da mitologia nórdica da deusa *Eostre*, pelo papa Gregório I, no século XII.

A Páscoa judaica, *Pessach*, significa “passar por cima”, referência aos primogênitos dos judeus salvos da 10^a praga proferida por Deus ao povo do antigo Egito. Também celebra o êxodo até a terra prometida de Canaã e mantém acesa a lembrança da escravidão vivida pelos judeus no Egito, como forma de não repetição no futuro, uma celebração à liberdade. A Páscoa cristã, romana e ortodoxa, com suas origens e tradições herdadas do *Pessach*, representa a ressurreição de Jesus Cristo, a passagem da morte para a vida, razão pela qual também está associada à ideia de “passagem”.

O uso do chocolate nas festividades da Páscoa tem sua licença histórica nas discussões entre eclesiásticos e leigos, que duraram mais de dois séculos e meio, para se entender se o produto, originário da Nova Espanha, atual México, quebrava ou não o jejum da Quaresma.

O volume II do e-book, a ser lançado em 2022, irá abordar a história da Páscoa moderna a partir da produção do primeiro ovo de chocolate, com destaque especial à Páscoa brasileira.

1. Aspectos Mitológicos

A raiz mitológica da Páscoa está relacionada com a deusa da fertilidade, do amor e do renascimento *Eostre* (*Eoste*, *Ostara*, *Ostera*) da mitologia nórdica, também chamada de escandinava, viking ou germânica, sendo a ela associados símbolos de fertilidade e de renovação, tais como lebres e ovos coloridos, que até hoje são tratados como símbolos da Páscoa. As festividades a *Eostre* dos antigos povos nórdicos eram cultos pagãos em celebração à luz crescente da primavera, período que trazia felicidade e bênçãos à Terra, uma verdadeira ligação espiritual propiciada com a chegada da primavera, um renascimento anual.

A origem do nome *Eostre*, como também a deusa é chamada, é anglo-saxã, proveniente do advérbio *ostar*, que significa algo como “sol nascente” ou “sol que se eleva”. Seu nome e funções também apresentam relação com a deusa *Eos*, da mitologia grega, a divindade do amanhecer. Todos esses significados e simbologias das mitologias envolvendo a deusa *Eostre* irão influenciar diretamente a Páscoa, em especial as ideias de renovação, renascimento e passagem.

O mito à volta da Deusa *Eostre* surge pela primeira vez nos manuscritos de Beda¹, monge inglês que teria vivido no século VII ou VIII. [...] durante o mês de abril [...] os anglo-saxões pagãos celebravam seu culto a uma deusa chamada *Eostre*. A deusa seria a divindade da fertilidade, da aurora e da luz, simbolizando assim a chegada da primavera [...]. Nos anos 50 do século XX foram descobertos vestígios arqueológicos que mostram a presença de *Eostre* na Inglaterra antiga, como revelou a investigação académica da Universidade de Leicester (MALTEZ, 2017).

A mitologia da deusa *Eostre* também está descrita nas lendas pré-cristãs dos antigos povos escandinavos através das Edas, coletâneas de textos do século XIII, encontrados na Islândia, permitindo, assim, o aprofundamento dos estudos históricos dos deuses e heróis mitológicos.

Temos uma relação linguística das palavras Easter e Ostern, Páscoa em inglês e em alemão, com as denominações das deusas *Eostre* e *Ostara* nas duas línguas, respectivamente. No alemão antigo *Eostre* (*Ostara*) significava a deusa da Aurora, divindade mitológica relacionada à primavera, à ressurreição e ao renascimento. Outra palavra importante do germânico antigo é *Eosturmonath*, que, em tradução livre, seria algo como *Monath* (mês) e *Eostur* (Eoste), ou seja, mês dedicado especialmente a *Eostre*, deusa da primavera, equivalente a abril, entrada da primavera no Hemisfério Norte, que, ainda segundo Beda, teria sido traduzido como “mês pascal”.

Os nomes *Eostre* e *Ostara* estariam, ainda, relacionados etimologicamente às palavras *east* e *ost*, leste em inglês e em alemão, respecti-

1 Beda, também conhecido como Venerável Beda, foi um monge que habitou os mosteiros de Jarrow e Monkwearmouth, Inglaterra. Sua obra mais famosa é *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (História eclesiástica do povo inglês). Fez também trabalhos nas áreas de linguística, computus e astronomia, como o *De Temporum Ratione* (BELMAIA, 2016).

vamente. O nascer do sol na primavera vem da direção leste, estando a divindade ligada ao “amanhecer do ano”.



Figura 1: A primavera, Franz Xaver Winterhalter (Alemanha, 1805 – 1873), óleo sobre tela, representação da deusa *Eostre*.

Fonte: Franz Xaver Winterhalter, Public domain, via Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Spring_by_Franz_Xaver_Winterhalter.jpg Acesso em: 11 fev. 2021.

Durante a cristianização da Europa, vários cultos e festividades pagãs foram ressignificados, especialmente os relacionados às mudanças das estações, como a chegada da primavera, que expressava a alegria pelo renascer da natureza e a renovação da colheita e dos estoques de alimentos e bebidas. Até que a primeira colheita pudesse ser efetuada, as celebrações teriam que ser comedidas para que os estoques não se esgotassem. Na ressignificação cristã, temos a Quaresma, período com regras de abstinências, jejuns alimentar e sexual.

Muitos historiadores relacionam *Eostre* às várias formas da deusa indo-europeia Frigg, esposa do deus Odin, ou, ainda, afirmam que seu nome seria uma qualificação elogiosa, um epíteto, para representá-la em seu aspecto jovem e primaveril, ou mesmo associada à deusa fenícia Astarte e à deusa babilônica Ishtar, devido à relação com os festivais da primavera.

Várias fontes históricas, entretanto, questionam a existência da deusa *Eostre*, atribuindo-a a uma construção historicamente falsa e não aceitando a possibilidade da ressignificação da Páscoa cristã a partir das festividades pagãs de primavera dedicadas à deusa. De acordo com Belmaia (2016), no trabalho “*Eostre a Easter: ressignificação de um culto pagão na Inglaterra medieval?*”,

[...] o caso da Páscoa ainda manifesta a diferença latente entre as palavras que nomeiam a celebração nas línguas inglesa e alemã, Easter e Ostern, que diferem de todas as outras utilizadas em outros países, advindas do radical pascha (uma derivação latina de *Pessach*), que nomeia a Páscoa no português, como Pascua no espanhol, Pasqua no italiano, Pâques no francês, a Páscha no grego, Paskha em russo, ou Páske no norueguês. As palavras Easter e Ostern estariam de fato ligadas à deusa *Eostre*, e o relato de Beda sobre a ressignificação do mês dedicado a essa deusa pela Páscoa cristã estaria correto? [...] o monge foi muitas vezes acusado de invenção da relação etimológica e, por conseguinte, invenção do culto a uma deusa que, segundo Page (1995, p.125)² nunca teria existido, criando uma “fantasia” em torno de uma influência pagã sobre a Páscoa.

² Citação de BELMAIA, 2016, referente a PAGE, R. I. Anglo-saxon paganism: the evidence of Bed. Hofstra: Houwen and MacDonald, 1995.

O trabalho de Belmaia (2016) apresenta quatro caminhos de estudos, descritos a seguir, para verificação da relação da deusa *Eostre* com a Páscoa, cujos cultos de adoração teriam sido ressignificados e incorporados à Pascoa moderna.

1.1 Correspondência entre o mês em que a Páscoa geralmente ocorria com o mês *Eosturmonath*, cujas festividades eram dedicadas a uma deusa chamada *Eostre*.

1.2 Utilizando evidências linguísticas como método de análise, foram exploradas as relações etimológicas para entender a deusa *Eostre* a partir da formação de seu nome, classificação gramatical, registros de possíveis usos e palavras cognatas.

1.3 Evidências arqueológicas encontradas em Morken-Harff, distrito de Rhein-Erft-Kreis (Colônia, Alemanha), a partir de 1958.

1.4 Resoluções de ressignificação da Igreja para a Inglaterra, outorgadas pelo papa Gregório I, século VII, iniciando pelo contexto de cristianização.

[...] Gregório instruiu que todas as ocasiões de solenidades e festas deveriam ser dedicadas aos mártires cristãos, ele não alterava a estrutura da comemoração vigente anteriormente, “apenas” a razão da mesma. (BELMAIA, 2016).

O que aconteceu, inicialmente na Inglaterra, e posteriormente foi estendido para toda a cristandade, sob a liderança do papa Gregório I, alcançou seus objetivos. Segundo Belmaia (2016):³ “[...] cristianizar a população anglo-saxã e exterminar definitivamente, não as práticas

³ A íntegra do trabalho de Belmaia (2016) está disponível em <www.mfsp.com.br/noticias>, cuja leitura recomendamos para extensão do entendimento sobre o tema.

(agora ressignificadas), mas sim as antigas crenças pagãs”, conforme, provavelmente, aconteceu com as festas de primavera da deusa *Eostre*, ressignificada como festividade de Páscoa.



Figura 2: Quatro Pedras da Igreja: Papa Gregório I (o “Grande”), anônimo, entre 1575 e 1599, National Trust, Inglaterra.

Fonte: <<https://artuk.org/discover/artworks/one-of-the-four-doctors-of-the-western-church-pope-gregory-i-the-great-c-540604-217879>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

O ressentimento da velha deusa *Eostre* (*Ostara*), devido ao apagamento e ao esquecimento do seu culto pagão, e consequente enquadramento em uma festividade cristã, foram abordados no livro de Neil Gaiman (2001), e na série da Prime Vídeo, Amazon (2017), *Deuses Americanos*.

Com a ascensão de Jesus Cristo como símbolo de ressurreição e o esquecimento do culto pagão na primavera, *Ostara* fez o necessário para sobreviver. Aceitando a substituição do seu nome pelo do filho do Deus cristão, a divindade manteve o culto da população através de símbolos como ovos e coelhos de Páscoa. Tanto no livro⁴ como na série⁵ *Wednesday*⁶ sabe como sabotar este argumento e a confiança de Páscoa. O persuasivo Odin sabe que *Ostara* está ressentida por ter sido trocada pelo Cristianismo e por ter o seu culto reduzido a uma versão comercial sem uma verdadeira ligação espiritual à renovação e primavera (MALTEZ, 2017).

Supostamente a Igreja Católica acabou por substituir as festas pagãs da deusa *Eostre* (*Ostara*) pela Páscoa, absorvendo muitos de seus hábitos e costumes, inclusive os ovos pintados e a lebre (na verdade de lebre para coelho); mesmo assim, a deusa continua viva nas memórias da Páscoa, sendo celebrada em especial nos países no qual a primavera coincide com a data religiosa. No Brasil, a Páscoa é comemorada na passagem do verão para o outono, afastando-nos dos aspectos mitológicos das deusas e dos símbolos florais e frutais

4 *Deuses Americanos* (*American Gods*), livro de Neil Gaiman, 2001.

5 Série de 2017, disponível no Prime Vídeo, Amazon.

6 *Mr Wednesday*, Odin, o deus nórdico do conhecimento e da sabedoria.

relacionados com a primavera. A Figura 3 apresenta a linha de chocolates para a Páscoa, 2021, da empresa Vosges Haut-Chocolate, de Chicago, EUA, com forte simbologia com a deusa *Ostara*, inclusive na denominação da linha.



Figura 3: Edição limitada 2021, deusa *Ostara*, da Vosges Haut-Chocolate.



"Coleção de Páscoa de edição limitada. Uma oferta primaveril de trufas e bombons dignos de uma deusa. Flores brotando, frutas e raízes se fundem com o chocolate, trazendo os sabores doces do amanhecer, do renascimento. Inspirados por nossa musa, *Ostara*, prestamos homenagem aos deuses/deusas e à Mãe Natureza, que nos inspiram a abraçar a luz e o calor da primavera ensolarada." Vosges Haut-Chocolate. Fonte: <www.vosgeschocolate.com/>. Acesso em: 1º mar. 2021.

2. A Páscoa Judaica (*Pessach*), a Páscoa Cristã Romana e a Páscoa Cristã Ortodoxa

A Páscoa judaica, *Pessach*, é muito mais antiga e serviu de referência para a Páscoa cristã. A primeira menção encontrada do *Pessach* está na lei de Moisés, especificamente no livro do Êxodo do povo judeu, escravizado por 430 anos. Cerca de três milhões de pessoas, incluindo crianças, saíram do Egito, percorrendo por 40 anos o deserto do Sinai, até chegar a Canaã, atual Israel.

Moisés, enviado de Deus para confrontar o faraó do Egito, travou uma luta constante que teve como resultado nove pragas. Mesmo assim o faraó não concordou com a libertação dos judeus. Por isso, Deus ordenou sua 10^a e última praga sobre o Egito, a mais terrível e devastadora, para que fosse permitido o êxodo do povo judeu à terra prometida de Canaã, cerca de 1.500 a.C.

A 10^a praga ordenava a todos os judeus escravos do Egito que matassem um cordeiro, ou um cabrito macho, de um ano e sem defeitos. O animal deveria ser assado e comido no jantar com pães ázimos e ervas amargas. Seu sangue deveria ser passado nos umbrais das portas das suas casas como um sinal, pois, naquela noite, o anjo da morte passaria

pela terra egípcia e mataria todos os primogênitos – tanto dos homens quanto dos animais. Os umbrais pintados seriam um sinal, pois, ao ver o sangue, o anjo pularia a casa judaica, passaria adiante e não haveria flagelo destruidor dos primogênitos, atingindo somente os egípcios. Aqui encontramos um detalhe muito importante. A palavra que temos em hebraico para “pular ou passar por cima” é “*Pessach*”, a qual também está nos livros sagrados do judaísmo, sendo provavelmente este vocábulo que originou a denominação da Páscoa judaica, celebração de extrema importância para o povo hebreu, que significa “passar por cima”, salvando seus primogênitos da 10^a praga lançada contra os egípcios. O *Pessach* também celebra o êxodo até Canaã e mantém acesa a lembrança da escravidão vivida no Egito, como forma de não repetição no futuro, uma celebração à liberdade.

Após a 10^a praga, o povo judeu, conduzido por Moisés, saiu às pressas do Egito, levando suas massas de pães sem fermento, ainda não fermentadas e não assadas. Durante a travessia, essas massas foram assadas e transformadas em pão ázimo (ou pão de aflição), símbolo poderoso do jantar, denominado *sêder* (“ordem”, em hebraico), de celebração da Páscoa judaica.

De acordo com Mendes (2021), cacauicultor, fazedor de chocolate, professor e estudioso da cultura judaica, ao mesmo tempo que temos muitas referências ao uso do pão ázimo no jantar ordenado por Moisés, também há muitas citações sobre o pão durante o êxodo dos judeus, elaborado a partir da massa não fermentada levada às pressas. Por outro lado, também, existem muitas referências ao uso do pão ázimo na dieta judaica muito anterior à 10^a praga, o que nos leva a crer que o uso do pão na dieta dos judeus é anterior ao êxodo do Egito.⁷

7 Em Gênesis, 19 (que trata da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra) já eram encontrados pães ázimos citados na Bíblia.

Como o pão ázimo está relacionado diretamente à expulsão dos judeus do Egito, vem daí a tradição de não ingerir qualquer alimento ou bebida fermentados durante o *Pessach*, em respeito à história de escravidão e ao sacrifício do povo judeu. O sabor mais ácido e azedo dos alimentos fermentados estaria associado ao sofrimento vivido nos 430 anos de escravidão. Todos esses hábitos alimentares são praticados especialmente no *sêder*, uma refeição ritualística na qual as famílias se reúnem para relembrar a noite da 10^a praga e a fuga dos judeus do antigo Egito para Canaã. Conforme explica Breno Lerner, escritor, palestrante e estudioso da culinária e da história hebraica,

[...] esse jantar é o único especificamente presente e ordenado pela Torá. É uma refeição ritual e muito didática e pode durar de uma a cinco horas, dependendo de quão profunda for a discussão da família envolvida. No judaísmo, todos os alimentos circulares, como os ovos, são usados para representar o ciclo da vida. No *sêder*, o ovo é um símbolo do luto, para lembrar da destruição do Templo de Jerusalém. O zeroá, também presente no prato do *sêder*, marca o sacrifício pascal que não pode mais ser feito e também simboliza como Deus conduziu o povo pelo deserto com seu braço estendido. A palavra zeroá, em hebraico, quer dizer antebraço (LERNER, 2021).

O prato tradicional do *sêder* é composto por:

Pão Ázimo (*Matsá*) – uma das tradições é conhecida como *Afikoman*, em que o pão ázimo é dividido em dois e o maior pedaço é escondido. Depois do *sêder*, as crianças saem à procura do pedaço do

pão e aquela que o encontrar ganha um prêmio. Esse ritual encontra similaridade na Páscoa cristã, na qual ovos de chocolates são escondidos, devendo as crianças partirem em sua procura. Reza a lenda que os ovos de chocolate são escondidos pelo coelho da Páscoa, que deixa suas pegadas como pista. A Páscoa cristã tem muitas tradições herdadas e ressignificadas do *Pessach*.

Vinho – especial para *Pessach* e não é fermentado. São servidas quatro taças durante o *sêder*.

Zeroá – osso de pernil de cordeiro assado ou queimado. Simboliza o *Korban Pessach*.⁸ Representa o sacrifício que era oferecido no Templo antes de sua destruição.

Maror – raiz amarga que simboliza a amargura do tempo da escravidão. A alface (*chazeret*) também é utilizada para simbolizar essa amargura.

Charósset – pasta de maçã, uva e nozes (pode ter também tâmaras, canela e vinho). Simboliza a argamassa usada pelos judeus para fazer tijolos.

Água Salgada – simboliza as lágrimas e o suor derramado pelos judeus durante a escravidão. É usada para o consumo de batatas cozidas.

Beitzá – na cultura judaica o ovo cozido incluído no *sêder* é um símbolo de luto, que representa o ciclo da vida. Embora não mantenha mais seu formato original, foi, em um estágio anterior, a fonte de uma nova vida.

⁸ O sacrifício da Páscoa, também conhecido como o cordeiro pascal, é o sacrifício que a Torá ordena aos israelitas, de abaterem ritualmente o cordeiro na noite da Páscoa e o comerem na primeira noite do feriado, com ervas amargas e pão ázimo. Embora praticado por judeus nos tempos antigos, o sacrifício hoje só é praticado por samaritanos no monte Gerizim (WIKIPÉDIA, 2021).

Figura 4: Prato tradicional do *sêder* acompanhado de pão ázimo.

Fonte: <www.canstockphoto.com.br>. Licença no 6266281. Acesso em: 19 fev. 2021.



Um judeu ortodoxo deve seguir à risca os 613 preceitos ditados pelo código de leis conhecido como Halachá (em hebraico, caminho), no qual se incluem as leis dietéticas que têm um papel central na identidade judaica. Os ovos fazem parte do prato do *sêder Pessach*, porém as restrições de comer sangue são rigorosas e devem ser estendidas também aos ovos. É proibido comer ovos que contenham manchas de sangue, por isso este tem de ser bem examinado antes de ser usado na preparação dos alimentos.

Os ovos estão presentes desde a Antiguidade nas festas pagãs da primavera, passando pelo *Pessach* e chegando à Páscoa cristã com o sentido de uma nova vida e, mais recentemente, ressignificados na Páscoa moderna em ovos de chocolate.

A Páscoa judaica não apresenta qualquer relação com coelhos e lebres e o chocolate passa a quilômetros de distância, até porque é um alimento fermentado. O chocolate, principal ingrediente da Páscoa cristã, não faz parte do ritual da mesa do *sêder*. Hoje, entretanto, a indústria tem mantido constante avanço para incluí-lo nos festejos do *Pessach*, certificando os produtos como *Kosher Le Pessach*. Isso significa que

produtos como chocolate e vinho, além de serem certificados como alimentos kosher, também atenderiam aos requisitos para uso na Páscoa, como chocolates elaborados sem fermentação das amêndoas do cacau.

O chocolate da Figura 5, *Dark chocolate sêder plate – pareve*,⁹ disponível no site da empresa norte-americana de produtos judaicos Manischewitz, induz o consumidor a uma mensagem de que poderia ser um produto *Kosher Le Pessach*, porém não há qualquer indicação afirmativa no site. Mas, digitando-se “*sêder*”, aparece o produto como resultado.

Não temos referências no Brasil a chocolates *Kosher Le Pessach*, porém com a certificação kosher é possível encontrar algumas marcas, como a da Figura 6, *Chocolat Du Jour*, com comunicação muito clara de que se trata de produto kosher, exceto *Pessach*.

Mesmo não encontrando quaisquer dados históricos sobre a presença do cacau e do chocolate no *Pessach*, a produção de chocolate elaborado de cacau não fermentado não é nenhuma novidade tecnológica. Dessa forma, um verdadeiro chocolate *Kosher Le Pessach* poderia ser inserido na festa, caso esse fosse o desejo da comunidade judaica.



Figura 5: *Dark chocolate sêder plate – pareve*.

Fonte: <<https://manischewitz.com/?s=seder>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

⁹ *Pareve* é uma classificação dentro das leis dietéticas do judaísmo. São os alimentos que não contêm nem leite, nem seus derivados, nem carne de mamíferos, seja na preparação, seja por contaminação, por contato. São considerados alimentos “neutros”.

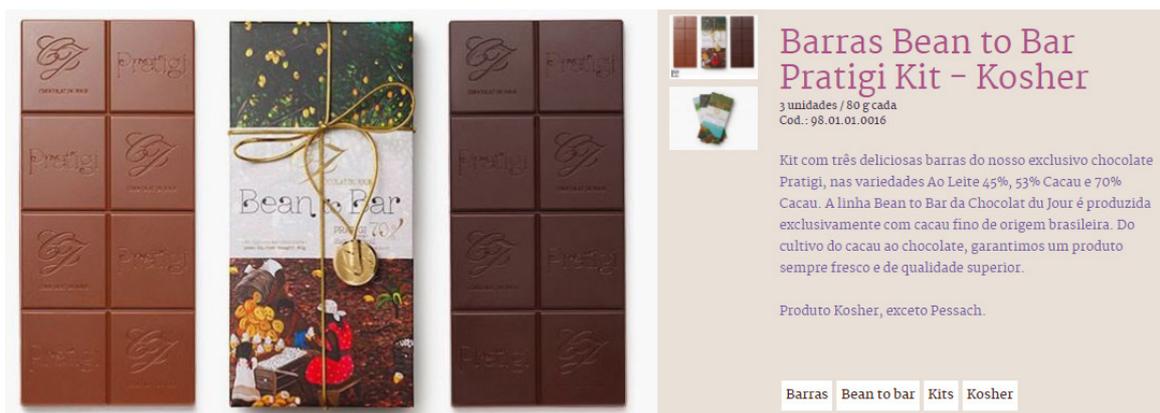


Figura 6: Barras bean-to-bar – Pratigi Kit – Kosher da Chocolate Du Jour.

Fonte: < <https://www.chocolatdujour.com.br/produto/2491/barras-bean-to-bar-pratigi-kit.php> >. Acesso em: 20 fev. 2021.

O chocolate de cacau não fermentado já foi bastante usado no sul do México e provavelmente em algumas regiões da Guatemala e de Honduras. No México ainda é utilizado, havendo, inclusive, uma legislação federal de 1979 que regulamenta e define a produção do cacau lavado e não fermentado.

Cacau lavado, seco e não fermentado: grãos inteiros e sadios extraídos dos frutos maduros de árvores da espécie *Theobroma cacao L.* da família Sterculiaceae, lavados após extração dos frutos e secos, sem aplicação de **nenhum processo de fermentação sistemática [grifos meus]** (NMX-F-129-S-1979).

Olmecas, Maias e Astecas não tinham conhecimento da importância da fermentação no processo de elaboração do chocolate, desta forma, era uma técnica desconhecida, conseqüentemente, não aplicada. As sementes de cacau eram secas sem passar pela fermentação.

Hoje, sabemos da importância dessa etapa na formação da composição sensorial do produto final, muito valorizado no mercado bean-to-bar. Para os produtos de caráter mais comercial, formulados e padronizados na grande indústria, a fermentação não assume um papel tão relevante, especialmente em razão do apagamento quase total da origem do cacau. Nosso gosto foi sendo moldado a outros sabores (artificiais ou naturais), adicionados aos diversos tipos de chocolates industriais, afastando gradualmente nossa percepção sensorial dos sabores mais naturais provenientes das origens do cacau e dos processos de fermentação, secagem e torra das amêndoas.

Mesmo sem chocolate, o *Pessach* é uma tradição muito importante do povo judeu. Deus revelou a Moisés que fizesse essa festa em gratidão ao Senhor, que protegeu os filhos de Israel (judeus) da 10ª praga do antigo Egito, sendo tradicionalmente comemorada todos os anos desde aquela ocasião.

Mendes (2021) e Lerner (2021) classificam o *Pessach* como uma celebração muito complexa, bonita, alegre, festiva, com grandes símbolos do judaísmo. Uma festa de 8 dias, com uma série de rituais que envolvem as famílias judaicas com rezas, crenças e com uma estrutura litúrgica que inclui a leitura do *Hagadá*, livro que contém a história de libertação dos judeus. O consumo dos alimentos e das bebidas é realizado segundo sua ordem específica no *sêder*.

A Páscoa cristã, com suas origens e tradições herdadas da *Pessach*, representa a ressurreição de Jesus Cristo, a passagem da morte para a vida, por isso também está associada à ideia de “passagem”. É a mais importante data do cristianismo, maior do que o Natal, que festeja a encarnação divina pelo nascimento de Cristo. O *Pessach* está centrado na figura de Moisés, enquanto a Páscoa cristã, e também a orto-

doxa, centram-se na figura de Jesus Cristo. Cristianismo e Judaísmo se entrelaçam em vários aspectos, encontrando na Páscoa um dos elos mais fortes de identidade das duas religiões. “*A vitória de Jesus sobre a morte é o que confere sentido ao cristianismo. Se Cristo não tivesse ressuscitado, vã seria a nossa fé!*”, afirma o teólogo Isidoro Massaroco, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), citando a Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios 15, 17, em reportagem da BBC, em 2018.

Diferente de outras festividades religiosas, a data da Páscoa cristã, da Páscoa ortodoxa e do *Pessach* judaica são móveis,

[...] e isso se dá graças ao sistema complexo que foi desenvolvido para tentar calcular a Páscoa (e o *Pessach*) a partir do céu, acomodando calendários diferentes. O complicado sistema de determinação da data da Páscoa é resultado da combinação de calendários, práticas culturais e tradições hebraicas, romanas e egípcias. O calendário egípcio era baseado no Sol, prática adotada primeiramente pelos romanos e posteriormente incorporada pela cultura cristã. O judaísmo baseia o calendário hebraico parcialmente na Lua [...]. A data da Páscoa varia não somente pela tentativa de harmonizar os calendários lunares e solares, mas também há outras complicações que acabam interferindo, como o fato de diferentes vertentes do cristianismo usarem fórmulas distintas em seus cálculos (WYATT, 2018).

Até meados do século IV, judeus, católicos romanos e católicos ortodoxos celebravam a Páscoa no mesmo dia, porém os católicos sem origem judaica (denominados gentios) começaram a ver a necessidade

de diferenciar a sua Páscoa da Páscoa dos judeus, pois o significado da celebração para as duas religiões era diferente.

No ano de 325, o imperador Constantino Magno – por intermédio do Concílio de Niceia¹⁰ – fixou a celebração da Páscoa católica sempre no primeiro domingo depois da primeira lua cheia ocorrida após (ou no dia) o equinócio¹¹ da primavera no Hemisfério Norte (e do outono no Hemisfério Sul), ou seja, em geral depois da Páscoa judaica, que começa a ser celebrada na primeira lua cheia do mesmo equinócio e pode cair em um dia de semana.



Figura 7: Primeiro Concílio de Niceia, 1560, Cesare Nebbia (1536 – 1614), afresco do século XVI, Salão Sistino da Biblioteca Apostólica Vaticana.

Fonte: Cesare Nebbia Concile de Nicée (1560). Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cesare_Nebbia_Concile_de_Nic%C3%A9e_\(1560\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cesare_Nebbia_Concile_de_Nic%C3%A9e_(1560).jpg)>. Acesso em: 21 fev. 2021.

¹⁰ Primeiro Concílio Ecumênico universal, com participação de cerca de 300 bispos de todas as regiões cristãs. Foi realizado de 20 de maio a 25 de julho de 325, na cidade de Niceia da Bitínia, atual Iznik, Turquia. Além da definição da data da Páscoa, outras questões da Igreja Católica foram definidas, como a promulgação da Lei Canônica, com cerca de 20 novas leis da Igreja chamada cânones (regras imutáveis de disciplina) e a transferência do dia santo e de descanso semanal de sábado para domingo.

¹¹ Ocorre geralmente entre os dias 20 e 21 de março e 22 e 23 de setembro, nos quais o dia e a noite apresentam a mesma duração de tempo em todos os países do mundo e a quantidade de luz direcionada aos Hemisférios Norte e Sul também são iguais.

No entanto, a discussão sobre a data manteve-se viva apesar do Concílio de Niceia ter definido uma nova data para a Páscoa romana e ortodoxa.

Na Europa era utilizado o calendário juliano – em homenagem a Júlio César e baseado no ano solar – o qual trazia distorções à nova data da Páscoa. Para solucionar o problema, o papa Gregório XIII (1502 – 1585), líder da Igreja Católica de 1572 até seu falecimento, criou o calendário gregoriano em 1582, tornando a data da Páscoa mais fácil de ser calculada. Os dias do ano foram limitados a 365 (366 nos anos bissextos) e foram extintos dez dias na contagem. Esse é o calendário utilizado atualmente, que, no entanto, não foi seguido pelos cristãos ortodoxos, que se mantiveram fiéis ao Concílio de Niceia e ao calendário juliano. Com todas as mudanças ao longo dos séculos, o resultado são datas diferentes para as Páscoas judaica, católica romana e católica ortodoxa.

A data do *Pessach* é determinada pelo calendário lunissolar judeu, ou calendário hebraico. Os meses são baseados nos ciclos da Lua e o ano é adaptado regularmente de acordo com o ciclo solar, podendo apresentar de 12 a 13 meses. A Páscoa judaica é comemorada todos os anos no dia 14 de *nissan*¹² (ou *nisã*), devido ao primeiro *Pessach* dos judeus ter acontecido nos dias 14 e 15 de *nissan*, há cerca de 3.500 anos.

Na Tabela 1, apresentamos um comparativo das datas das Páscoas judaica, católica romana e católica ortodoxa entre os anos de 2019 e 2022.

12 Primeiro mês de 30 dias do calendário judaico religioso (sétimo mês do calendário civil), que se inicia com a primeira lua nova da época da cevada madura em Israel.

PÁSCOA	Calendário	2019	2020	2021	2022
Cristã	Gregoriano	21 abril	12 abril	04 abril	17 abril
Ortodoxa	Juliano	28 abril	19 abril	02 maio	24 abril
Judaica	Judaico	19 abril a 27 abril	08 abril a 16 abril	27 março a 04 abril	15 abril a 22 abril

Tabela 1: Datas da Páscoa – 2019 a 2022.

O equinócio de primavera no Hemisfério Norte de 2019 a 2022 é no dia 20 de março.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de pesquisa no Google.

3. A Lenda da Lebre e dos Ovos Pintados como Símbolos da Páscoa

Lebres e ovos eram símbolos pagãos de fertilidade e renascimento nas celebrações dedicadas à chegada da primavera, estação que trazia mais prosperidade e fartura. Não faltam lendas, especialmente em fontes online, que tentam explicar como surgiram a lebre e os ovos pintados, sempre os relacionando à deusa *Eostre* de forma mágica e lúdica, conforme descrevemos na versão a seguir.

A deusa *Eostre* tinha especial carinho pelas crianças, seguindo-as por todos os lugares, cantando para elas e entretendo-as com suas mágicas. Aqui já temos outra ligação forte com a Páscoa atual, data muito importante e muito festejada pelo público infantil.

Certo dia, *Eostre* estava sentada com suas crianças quando um pássaro pousou em sua mão. Dizendo algumas palavras mágicas, o belo pássaro foi transformado no animal preferido da deusa, uma lebre, encantando as crianças. O tempo passou, o outono chegou e todos perceberam que a lebre não estava feliz, pois não podia mais cantar nem voar. *Eostre*, então, esperou chegar mais uma primavera, estação na qual os seus poderes estariam revigorados, para reverter a mágica e atender aos pedidos das crianças para devolver a vida de pássaro à lebre, que estava muito triste e cabisbaixa.

Com a chegada da primavera, a estação mais festejada pela deusa e na qual seus poderes mágicos estavam revigorados e no apogeu, *Eostre* reverteu a magia e a lebre voltou a ser pássaro por um bom tempo, encantando todos com seu canto de primavera. Em retribuição à sua liberdade e às crianças, o pássaro botou muitos ovos e, quando transformado outra vez em lebre, os pintou e distribuiu pelo mundo, ritual que passou a acontecer todos os anos na primavera. Conta-se, ainda, que a deusa *Eostre*, para lembrar a todos os humanos o seu ato de interferir indevidamente no livre-arbítrio dos animais, estampou a figura de uma lebre na Lua, para ser vista eternamente em dias de lua cheia.

Como já mencionado anteriormente, há várias lendas sobre a deusa *Eostre* e os símbolos da fertilidade (lebre, por seu poder gerador, e ovos, associados ao começo da vida). A seguir outro exemplo de lenda da lebre e dos ovos pintados.

Segundo a lenda, *Eostre* encontrou um pássaro ferido na neve. Para ajudar o animalzinho, transformou-o em uma lebre, mas a transformação não se processou completamente e a lebre permaneceu com a habilidade de colocar ovos. Como agradecimento por ter salvado sua vida, a lebre decorou os ovos e levou-os como presente para a deusa *Eostre*. A Deusa maravilhou-se com a criatividade do presente e quis, então, compartilhar sua alegria com todas as crianças do mundo. Criou-se, assim, a tradição de se ofertar ovos decorados na Páscoa, costume vigente em nossos dias [...]. Uma tradição antiga dizia que se deveria pintar os ovos com símbolos equivalentes aos nossos desejos. Mas sempre um dos ovos deveria ser enterrado, como presente para a Mãe Terra (LAVENERE, 2009).

4. Sobre Ovos e Coelhoos



Figura 8: Easter Bunny Fraktur, Johann Conrad Gilbert (1734 - 1812), Winterthur Museum, Winterthur, Delaware, EUA.

Fonte: <www.artfixdaily.com/news_feed/2011/04/18/1111-winterthur-museum-acquires-one-of-the-earliest-known-american-dep>. Acesso em: 16 fev. 2021.

A história da humanidade está repleta de fatos, mitos e lendas sobre ovos e coelhos utilizados em festividades e cultos, pagãos ou religiosos. Sem esgotar o tema, a seguir relacionamos algumas dessas histórias que reforçam os símbolos modernos da Páscoa, antes de o chocolate dominar a humanidade como maior símbolo da Páscoa cristã moderna.

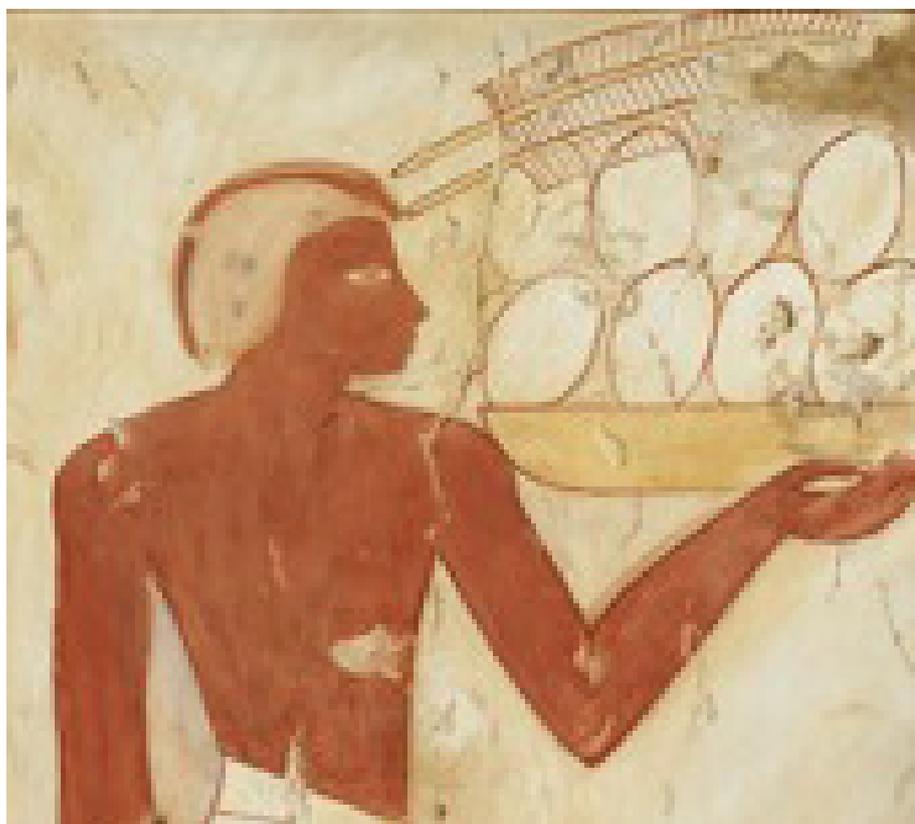
Os ovos e os coelhos aparecem nas tradições de vários grupos étnicos, em geral relacionados à agricultura e à primavera. É importante pontuar que a morte e a ressurreição de Cristo ocorreram na prima-

vera, então ressurreição e primavera poderiam ter afinidades com símbolos que expressem fertilidade e renascimento, ou seja, flores, ovos e coelhos seriam candidatos perfeitos para esse simbolismo.

- Desde 2.700 a.C. os egípcios celebram um festival chamado *Sham El-Nessim* (inalando a brisa), nome derivado da língua copta. A pronúncia original é *Tshom Ni Tshom*, que significa prados de jardim, ou seja, tudo relacionado ao início da fartura agrícola que vem com a estação da primavera. Sem nenhuma raiz religiosa, é um feriado nacional que ocorre anualmente durante a segunda-feira de Páscoa, no dia seguinte ao Domingo de Páscoa da Igreja Ortodoxa Copta, marcando o início da primavera. O feriado é comemorado com refeições tradicionais de peixe salgado, cebola e ovos. Crianças e adultos pintam e decoram ovos, hábito ancestral dos antigos egípcios. Mais uma vez, ovos simbolizam novas vidas e novos começos em outra cultura milenar.

Figura 9: Cópia do século XX, de Nina De Garis Davies, de uma pintura de parede egípcia antiga que retrata um criado com uma bandeja de ovos de avestruz cobertos por duas penas dessa ave. A obra original foi encontrada na tumba particular de Horemheb em Tebas.

Fonte: <<https://twitter.com/ashmoleanmuseum/status/1119980410883182592>>. Publicado em 21 de abril de 2019 na conta do Ashmolean Museum, University of Oxford, Oxford, Reino Unido. Acesso em: 16 fev. 2021.



- Na mitologia grega o deus Phanes teria emergido de um “ovo cósmico”, formado a partir de elementos primordiais. Phanes era uma divindade de luz e bondade, cujo nome significava “trazer luz” ou “brilhar” e que deu à luz o universo.

- *Pysanka* é uma palavra do verbo ucraniano *pysaty* (писати) que significa escrever. É, especificamente, um tipo de ovo de Páscoa da Ucrânia, decorado com desenhos folclóricos, não pintados, mas escritos (ou inscritos) com cera de abelha. Datam de época muito antiga, quando eram elaborados para presentear as divindades no início da primavera e representavam vida, saúde e prosperidade. Também foram incorporados pelo cristianismo. Elaborados na clandestinidade durante o regime comunista, foram liberados após a independência da Ucrânia em 1991. Os ovos *Pysanka* são tão fortes na cultura ucraniana que há um museu na cidade de *Kolomyia* totalmente dedicado a eles.

- Muitos povos da Europa decoram seus ovos de Páscoa com cera de abelha, incluindo búlgaros, croatas, eslovacos, húngaros, lituanos, sérvios e tchecos, entre outros. Atualmente, *Pysanka* é usado como denominação genérica para ovos pintados e decorados, inclusive os não artesanais.



Figura 10: *Pysanka*, ovo de Páscoa da Ucrânia.

Fonte: <www.canstockphoto.com.br>. Licença no 6266281. Acesso em: 19 fev. 2021.

- Como símbolo do início da vida e em comemoração à chegada da primavera, os chineses também presenteavam ovos, que eram cozidos com beterraba para ficarem coloridos.

- O rei Eduardo I (1239 – 1307), da Inglaterra, costumava presentear a realeza e seus súditos com ovos banhados em ouro ou decorados com pedras preciosas na festa da Páscoa.

- Os ortodoxos cristãos utilizam ovos pintados de vermelho e decorados com cores vivas. São colocados em cestas gigantes, ofertados nas igrejas e trocados com os entes queridos. A cor vermelha é simbólica, pois representa “a cor da vida”. O sangue vermelho usado nos umbrais das portas das casas dos judeus, para serem poupados da punição da 10^a praga divina, se transformou no símbolo da própria vida na Igreja Ortodoxa.

- Uma das explicações sobre o ovo nos rituais judaicos tem relação com o formato circular, o que não lhe permite ficar parado em uma mesma posição. Como o ovo que se vira continuamente, esperamos que nossa sorte também possa virar e que a tristeza de hoje possa se transformar em alegria e esperança de um novo amanhã.

- Uma janela de três lebres, em alemão *Dreihasenfenster*, pode ser encontrada na catedral de Paderborn, Alemanha. Os luteranos alemães usavam lebres como símbolo de consagração à Virgem Maria, por acreditarem em antigos escritos com lebres como animais hermafroditos, podendo, assim, reproduzir sem fertilização. Entendia-se, embora hoje se tenha esquecido, que as três “lebres hermafroditas” dentro do círculo mandala representavam a fertilidade e a reprodução da natureza cíclica. As “lebres hermafroditas”, assim como os ovos, a semente germinando em brotos verdes na primavera, o nascimento dos coelhos ou a lua cheia, todos apontavam para simbologias de ressurreição.

Figura 11: Dreihäsenfenster ("Janela de Três Lebres") no pátio interno do claustro da catedral de Paderborn, Alemanha.

Fonte: Paderborner Dom Dreihäsenfenster. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paderborner_Dom_Dreihäsenfenster.jpg>. Acesso em: 16 fev. 2021.



- Os antigos persas e alguns povos germânicos também mantinham uma tradição em torno de ovos de galinha pintados a mão, como forma de presente.

- No século XII, quando Luís VII (1137 – 1180) voltou para a França depois da Segunda Cruzada, apesar do fracasso da expedição contra os muçulmanos, foi recebido com festa. Para comemorar seu regresso, o superior da Abadia de St. Germain-des-Près ofereceu aos pobres metade dos produtos das terras exploradas, entre os quais muitos ovos. A data costumava coincidir com o jejum da Quaresma. No século XV, pressionado pela Igreja que reclamava do grande consumo de ovos durante esse período de penitência, Luís XI (1423 – 1483) proibiu a comemoração. Assim, para festejar o fim do jejum, as pessoas passaram a presentear amigos e parentes com ovos benzidos na missa do Domingo da Páscoa.

- Luís XV (1710 – 1774) presenteou sua amante, madame Du Barry, 33 anos mais jovem, com um enorme ovo que continha uma estátua de cupido.

- De todos os ovos para a celebração da Páscoa nada se compara ao trabalho de Peter-Carl Fabergé, joalheiro de origem germano-báltica que trabalhava em São Petersburgo e responsável pelos famosos ovos Fabergé, objeto do desejo de toda a realeza europeia. Essa história tem início com o desejo do czar Alexandre III, da Rússia, em 1885, de dar um presente de Páscoa especial à sua esposa, Maria Feodorovna. Tal responsabilidade foi atribuída ao joalheiro Peter-Carl Fabergé, que elaborou uma joia em formato de “ovo de galinha”, adornada com pedrarias, que ao se abrir continha uma gema de ouro, que escondia em seu interior uma pequena ave montada em um ninho de puros diamantes. Criava-se, assim, a mais sofisticada tradição de joalheria em formato de ovos para presentes da Páscoa, a qual sempre deveria ter uma grande surpresa em seu interior. Uma tradição, não só da família real russa, repetida todos os anos por ocasião da Páscoa, tendo encomendado quase 60 ovos Fabergé ao longo de sua história, mas também de outras casas reais europeias.



Figura 12: Réplicas de ovos Fabergé à venda em lojas de Moscou, Rússia.

Fonte: Acervo do autor, 2016.

No fim do século XIX e início do século XX, as lojas de Fabergé espalharam-se pela Rússia, pela Inglaterra e pela França, mas atendiam a realeza e nobres de toda a Europa. Hoje, os famosos ovos, e outras peças de sua joalheira, são encontrados em vários museus do mundo. Diversas lojas, especialmente em Moscou e São Petersburgo, vendem réplicas, como as apresentadas na Figura 12.

- A lebre também está associada à deusa *Eostre* pois é um dos primeiros animais a mostrar-se sobre a terra quando a primavera está próxima, estação do seu período de acasalamento. Isso gerou a expressão idiomática inglesa, em uso desde o século XVI, “Louco como uma lebre de março”, cujo significado expressa o comportamento eufórico e excitável da lebre europeia (*Lepus europaeus*) na chegada da primavera, ou de qualquer animal e ser humano com comportamentos semelhantes. Em 1865, a frase foi popularizada por Lewis Carroll no livro *Alice no país das maravilhas*, através do fantástico personagem Lebre de Março.



Figura 13: Hora do chá (Alice, a Lebre de Março e o Chapeleiro), Alice no país das maravilhas, 1865, ilustração de John Tenniel (1820 - 1914).

Fonte: Public Domain, <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1225625>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

5. O Chocolate e a Igreja Católica

O primeiro contato dos europeus com o cacau teria acontecido em 1502, na quarta e última viagem de Cristóvão Colombo à América, em Guanaja, na costa hondurenha, e descrito por Ferdinando Colombo, segundo filho de Cristóvão, em 1503, narrando o encontro com comerciantes Maias que carregavam grãos de cacau. Com a chegada de Hernán Cortez em 1519 ao México, o cacau e o chocolate tornaram-se conhecidos do invasor espanhol, que apresentou ao Velho Mundo a bebida de chocolate, além de outros tesouros agrícolas encontrados nas florestas americanas, como milho, pimenta, batata, várias espécies de feijão, abóbora, tomate, amendoim, pimentão, baunilha e abacate.

A bebida de chocolate, adorada pelos povos indígenas da Nova Espanha, causou muita estranheza aos espanhóis, não só pelo gosto amargo e pela adição de outros ingredientes, como pimenta e cogumelos nativos, mas também pela forte associação com rituais religiosos e o consumo afrodisíaco. Acabou, entretanto, conquistando o gosto dos católicos espanhóis e espalhando-se pela Europa.

Muitas dúvidas foram levantadas em relação à nova bebida. Os alimentos eram classificados segundo suas propriedades humorais, térmicas e de consistência, de acordo a medicina humoral galênica vigente na época. O chocolate precisou ser classificado segundo suas propriedades, porém a grande questão encampada pela Igreja

era se a bebida de chocolate quebraria ou não o jejum eclesiástico, ou seja, o chocolate

[...] era uma bebida ou uma comida? Apenas matou a sede ou também alimentou o corpo? Se fosse comida, além de bebida, os católicos praticantes não [...] podiam beber nos dias de jejum, o que incluía os quarenta dias da Quaresma (COE e COE, 2018).

A Tabela 2, a seguir, apresenta várias posições de médicos, cientistas, juristas e representantes da Igreja sobre o uso da bebida de chocolate em relação ao jejum da Quaresma, durante as discussões entre os séculos XVI e XVIII.

QUEM	BEBIDA CHOCOLATE
Os jesuítas, grandes cultivadores de cacau nas missões nas Américas, eram negociadores e fornecedores para a Europa, nem sempre por meios lícitos.	Era um líquido, uma bebida que não quebrava o jejum.
Os dominicanos, armados com sua ortodoxia e dureza inquisitorial.	Era necessário distinguir entre a bebida que saciava a sede (água) de outros líquidos acrescidos de matérias nutritivas. Ao adicionar chocolate à água, a bebida de chocolate era contra a penitência.
Juan de Cárdenas (1563 – 1609), médico e cientista espanhol, Guadalajara, México, 1577.	Em qualquer forma, quebrava o jejum da Quaresma.
Agustín Dávila Padilla (1562 – 1604), dominicano mexicano, escritor e bispo de Santo Domingo.	Nem o vinho, nem o chocolate quebram o jejum.

Continua na próxima página

QUEM	BEBIDA CHOCOLATE
Os papas: 1523 – Clemente VII (1478 – 1534) 1566 – Pio V (1504 – 1572) 1572 – Gregório XIII (1502 – 1585) 1605 – Paulo V (1550 – 1621) 1623 – Urbano VIII (1568 – 1644) 1700 – Clemente XI (1649 – 1721) 1740 – Benedicto XIV (1675 – 1758)	Todos os papas entre 1523 e 1740 (data do início dos papados) opinaram que o chocolate não quebrava o jejum da Quaresma, porém essa não era uma posição unânime na Igreja Católica. Vários religiosos eram contra o uso do chocolate. Segundo Pio V, por achar repugnante a bebida, não havia perigo de que causasse danos morais na Quaresma.
Juan de los Barrios y Toledo (1498 – 1569), arcebispo, bispo.	Se adicionasse pimenta de Chiapas ou Tabasco ao chocolate, a bebida resultante provocava alguma luxúria, portanto deveria ser tomado puro.
Juan de Solórzano Pereira (1575 – 1655), jurista, escritor da lei colonial do império espanhol nas Américas.	Por volta de 1636, declarou que o chocolate excitava o apetite sexual, atentava contra o jejum e dava vida aos desejos lascivos.
Tomás Hurtado (1590 – 1659) teólogo da Universidade de Sevilha.	Em 1645, afirmou que o chocolate com água, sem leite e ovos, não quebrava o jejum.
Francisco Hernández de Toledo (1517 – 1587), protomédico do rei Felipe II da Espanha (1556 – 1598); enviado em 1571 para estudar matéria médica no México e no Peru.	O chocolate apenas com água (sem adição de especiarias, pois poderia torná-lo afrodisíaco) era puro e não causava desejos carnisais, logo seu uso na Quaresma era permitido.
Francisco Maria Brancaccio (1592 – 1675), cardeal italiano.	Se adicionar só água é apenas uma bebida, igual ao vinho, que foi permitido ao longo de dez séculos pela Igreja Católica, portanto não quebra o jejum (1664).

Tabela 2: A bebida chocolate e o jejum da Quaresma.

Fontes: COE, S. D. & COE, M. D. *La Verdadera Historia del Chocolate*, 2018; CHOCOLATE II: Mística y Mestizaje; LARA, J. L. T. *El cacao y su esencia luciferina*; Notas do autor.

Antonio León Pinelo (1589 – 1675) publicou em Madri, em 1636, o mais importante trabalho sobre a discussão de se o chocolate quebrava ou não o jejum da Quaresma. O livro, chancelado pela Igreja Católica, *Cuestión moral: si el chocolate quebranta el ayuno eclesiástico* (Questão moral: se o chocolate quebra o jejum eclesiástico), defende que a bebida de chocolate, se preparada apenas com água, não quebrava o jejum, sendo perfeitamente lícita para uso durante a Quaresma, reforçando a posição da maior parte da Igreja Católica.

León Pinelo foi um grande historiador e estudioso talentoso que escreveu a primeira grande obra sobre as bebidas americanas dos povos nativos da Nova Espanha (México), Peru, Nicarágua e Guatemala. Sobre o tema cacau e chocolate apresenta uma narrativa histórica com usos, rituais, receitas e preparações. A apresentação principal do livro traz a figura central de uma mulher índia, segurando o pergaminho do título, com uma árvore de cacau em miniatura em uma mão e um galho de quatro saídas do cacaueiro na outra (Figura 14).



Figura 14: *Cuestión moral: si el chocolate quebranta el ayuno eclesiástico* (Questão moral: se o chocolate quebra o jejum eclesiástico).

Fonte: Antonio de León Pinelo, CC BY-SA 4.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>>, via Wikimedia Commons. Acesso em: 24 fev. 2021.

O uso do chocolate na Páscoa, especialmente em formato de ovos, tem sua licença histórica nas discussões entre eclesiásticos e leigos que duraram mais de dois séculos e meio para entender se o produto quebrava ou não o jejum da Quaresma. Provavelmente, a introdução do chocolate na Páscoa cristã teria apresentado maior dificuldade se não tivesse o aval da Igreja. Um ponto importante a ser considerado é que o chocolate entrou profundamente nas festividades da Páscoa na forma comestível, não como uma bebida.



Figura 15: O Bebedor de Chocolate, José Maria Oropeza, 1891, Museu Nacional de História, Castelo de Chapultepec, Cidade do México, México.

Fonte: <<https://artesdaemexico.com>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

6. A Origem do Ovo de Chocolate

Os confeitores franceses são conhecidos como os responsáveis pelos primeiros ovos de Páscoa feitos de chocolate, substituindo os tradicionais ovos de galinha pintados a mão. Outras fontes históricas apontam que durante a primeira Revolução Industrial, entre 1760 e 1820-1840, foram adotados grandes processos comerciais e industriais que incentivaram as populações ao consumo de produtos como forma de presentear. Um dos resultados do processo, já no fim do século XIX, idealizado na Alemanha, seriam os ovos de chocolate, produzidos de modo artesanal para serem usados como presentes, em substituição aos ovos de galinhas decorados.

A história dos ovos de Páscoa de chocolate está relacionada com a evolução das tecnologias para produção e manipulação do chocolate. Os primeiros ovos, provavelmente, eram maciços, com textura granulosa, muito amargos, totalmente artesanais e moldados usando ovos de galinha vazios como forma.

Como já vimos no tópico 5, o aval da Igreja Católica permitiu o uso do chocolate na Quaresma, pois não quebrava o jejum, passo importante para a introdução do produto na dieta da Páscoa cristã, até então consumido como bebida. Várias inovações tecnológicas foram sendo descobertas à época, impulsionando novos produtos e novos sabores.

Em 1828, Coenraad Johannes van Houten, na Holanda, descobriu o processo de extrair a manteiga de cacau e depois fazer um pó com o restante da massa. A criação foi um marco para o consumo do produto sólido e para a produção em larga escala, difundido o consumo do chocolate.

Já fazia mais de 300 anos que os europeus tinham tido seu primeiro contato com cacau e chocolate, vindo do México pelas mãos de Hernán Cortéz, quando se deu o mais importante passo para a produção dos ovos de Páscoa em escala industrial. Em 1847, a empresa de chocolate J. S. Fry & Sons, de Bristol, Inglaterra, desenvolveu uma técnica para misturar o pó do cacau ao açúcar e à manteiga do cacau derretida, obtendo-se assim um líquido mais consistente, que podia ser colocado em moldes e resfriado até solidificar. Começava aí uma revolução na indústria de chocolates, desenvolvendo-se o primeiro chocolate industrial em barra, sólido, comestível e com textura macia, muito diferente das barras até então disponíveis, muito duras quando secas, difíceis de comer e que não agradavam muito ao paladar do público, sendo por isso usualmente consumidas como bebidas. Fry levou a indústria do chocolate a uma nova etapa, com a transição do chocolate bebível para o chocolate mastigável. A barra da Fry foi chamada de *Chocolat Délicieux à Manger* (Chocolate Delicioso para Comer), tornando-se sua empresa, durante o período vitoriano, a maior produtora mundial de chocolate e fornecedor exclusivo da Marinha inglesa.

O Dr. Fry, mais atraído pelo comércio do que pela farmácia, se interessava por todos os tipos de atividades: importar porcelana da China, fazer sabão e até datilografar, para a qual criou um pequeno negócio em Londres. O que o fez virar chocolate?

O entusiasmo crescente do público, e, em particular, da aristocracia, pelo chocolate, mas também a convicção, nada surpreendente neste médico, de que o cacau faz bem à saúde. Na década de 1780, Joseph Fry, portanto, abriu uma pequena fábrica de pasta de chocolate em Bristol, a J. S. Fry & Sons, cuja produção era vendida principalmente em farmácias e drogarias da cidade. Quando ele morreu, em 1787, o negócio passou para sua viúva e seu filho mais velho, Joseph Storrs II. Em 1795, então com 28 anos, Storrs teve a ideia de usar uma máquina a vapor para moer os grãos do cacau. Inédito na época e que lhe permitiu produzir pasta de chocolate em grandes quantidades. Vendido para farmacêuticos e boticários, mas também para confeitheiros, para os gestores das “casas do chocolate” e para os grandes chefs do mundo, para fabricação de achocolatados, preparações medicinais, bolos, bombons de chocolate, etc. [...].

[...] antiescravista, Joseph Fry parou de comprar cacau das plantações portuguesas na África Ocidental, onde trabalhava abundante mão de obra escrava. Seguidor do desenvolvimento sustentável muito à frente, Fry sempre garantiu as condições de trabalho dos seus fornecedores de grãos de cacau. (GASTON-BRETON, 2003).

O primeiro ovo de chocolate no Reino Unido foi produzido pela Fry em 1873. Sua concorrente Cadbury lançou sua versão dois anos depois, em 1875. As duas empresas fundiram-se em 1919 sob a marca Cacau Britânico e Chocolate Company, sendo adquirida pela Kraft Food, atual Mondelez, em 2010. Os ovos eram decorados a mão para atender à estética vitoriana, que marcou o reinado da rainha Vitória, de junho

de 1837 até sua morte em 1901. O período vitoriano foi marcado por grandes transformações econômicas, políticas e culturais, expansão da industrialização e grande estímulo às artes, bem como de consolidação da supremacia inglesa nos mares, conquistando $\frac{1}{4}$ do mundo, incluindo colônias na África e na Ásia, locais produtores de cacau, facilitando o fornecimento da matéria-prima para atender à demanda crescente de chocolate. Os ovos de Páscoa da era vitoriana não eram para todos, eram presentes caros e luxuosos das elites.



Figura 16: Ovos de Páscoa da Cadbury, no Reino Unido, em 1875. Um grupo de trabalhadoras dá os toques finais em ovos de chocolate lindamente elaborados com flores de primavera comestíveis no topo.

Fonte: Media Drum Images, Cadbury Archive. Disponível em: <<https://cadbury.co.uk>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Em 1893, a Cadbury tinha cerca de 19 patentes de diferentes ovos de Páscoa, um marco para o século XIX. Os ovos eram recheados com amêndoas glaciadas e decorados com marzipan. É muito importante lembrar, ainda, que antes do primeiro ovo de Páscoa, Richard Cadbury

fez a primeira associação comercial entre chocolate, amor, feminilidade e paixão, vendendo uma caixa de chocolate em formato de coração, em 1861. Nascia, então, a ideia de presentear com chocolate, consolidada com os ovos de Páscoa.

Com o desenvolvimento da moldagem, a democratização do chocolate ganhou força na França no fim do Segundo Império,¹³ sendo o molde mais antigo registrado em 1870, feito de lata estanhado e produzido pela Maison Létang et Rémy, em Paris. Isso já apontava para uma possível produção de ovos de Páscoa artesanais, feitos pelos confeitores franceses antes do primeiro ovo da Fry em 1873.

O mundo já tinha seu primeiro ovo de Páscoa de chocolate, que se tornaria o maior símbolo comercial da Páscoa cristã com o passar dos anos e a ressignificação da tradição pascal. Tudo isso muito impulsionado pela industrialização crescente e o acesso ao chocolate, que deixou de ser um produto das casas reais e nobres, migrando para as camadas populares.

Outras inovações chegariam para consolidar ainda mais a indústria e a popularização do chocolate. Em 1875, após oito anos de tentativas, o inventor suíço Daniel Peter descobre como adicionar leite em pó ao chocolate, recebendo ajuda de Henri Nestlé, que condensou o leite, eliminando a água. Nascia, então, o primeiro chocolate ao leite, produzido pela Nestlé, sinônimo de ovos de Páscoa e, atualmente, o sabor mais popular do chocolate. Em 1879, outro suíço, Rodolph Lindt, desenvolveu a técnica de conching, permitindo o pleno desenvolvimento do sabor, aroma e textura do chocolate. Inventores e industriais, os Lindts criaram um império do chocolate com atuação global.

13 Reinado de Napoleão III, 1852 – 1870, sobrinho-neto e seguidor de Napoleão I.

A partir do fim do século XIX e início do XX, surgiram grandes empresas produtoras de chocolate na Europa, nos Estados Unidos e na América do Sul, sempre priorizando os ovos durante a Páscoa. No Brasil, os pioneiros na fabricação dos ovos de chocolates e produtos para a Páscoa foram a Neugebauer, a Lacta, a Nestlé, a Garoto, a Sonksen e a Kopenhagen.

Durante a Segunda Guerra Mundial, houve redução da produção, especialmente nos países europeus. Entretanto, por volta da década de 1950 ocorreu maior popularização dos ovos, devido à redução dos custos de produção, em especial das embalagens.

7. Considerações Finais

Desde a deusa *Eostre* até o primeiro ovo de chocolate, a Páscoa passou por vários processos históricos, sendo ressignificada e adequada até a Páscoa atual.

O *Pessach* está centrado na figura de Moisés, enquanto a Páscoa cristã, e também a ortodoxa, centram-se na figura de Jesus Cristo. Cristianismo e Judaísmo se entrelaçam em vários aspectos, encontrando na Páscoa um dos elos mais fortes de identidade entre as duas religiões, que apresenta similaridades, porém com significados muito específicos nas comunidades cristã (romana e ortodoxa) e judaica, como o simbolismo da representação da “passagem”. Para os cristãos, representa a passagem da morte para a vida, através da ressurreição de Jesus Cristo. Para os judeus, a passagem do anjo da morte pelas casas judaicas na noite da 10^a praga proferida contra os egípcios, passar por cima, salvando seus primogênitos da morte. Também pode representar a passagem do Egito à terra prometida de Canaã e a lembrança da escravidão vivida no Egito, como forma de não repetição no futuro, uma celebração à liberdade.

Os livros sagrados das religiões cristã (Bíblia) e judaica (Torá) não discutem e nem apresentam lebres, coelhos e ovos coloridos como símbolos sagrados da Páscoa. Não encontramos fatos históricos específicos

e confiáveis referentes à utilização da lebre e dos ovos nas festividades da Páscoa cristã e, principalmente, do *Pessach*. Todos esses símbolos estão relacionados aos cultos pagãos, com ressignificação das práticas para a Páscoa moderna. Coelhoinhos (e lebres) e ovinhos foram incorporados à Páscoa cristã provavelmente a partir do papa Gregório I, tornando-se símbolos poderosos da Páscoa e do comércio de bens e alimentos.

A introdução do chocolate na Páscoa cristã teve sua licença histórica nas discussões entre eclesiásticos e leigos entre os séculos XVI a XVIII, apresentando um relativo consenso da Igreja de que não quebrava o jejum da Quaresma, em uma época em que chocolate era uma bebida à base de água.

Toda essa história, seja mítica, lendária ou real, nos levou aos ovos de chocolate fabricados pela primeira vez pela J. S. Fry & Sons, em 1873, em Bristol, Inglaterra, que aos longos dos anos se transformaram no grande símbolo comercial da Páscoa.

Na Figura 17 apresentamos uma linha do tempo, resumo em 20 etapas, que representa a história da Páscoa, da deusa *Eostre* ao primeiro ovo de chocolate.

[1] DESDE 2700 a.C. – Os egípcios já celebravam um festival chamado Sham El-Nessim (“inalando a brisa”), relacionado com o início da fartura agrícola que vem com a estação da primavera.

[2] 1500 a.C. – 10ª praga de Deus sobre o povo do Egito. Moisés conduz o êxodo dos judeus à Canaã. *Pessach*, palavra hebraica (“passar por cima”). Deus revelou a Moisés que celebrasse a *Pessach* (Páscoa judaica) todos os anos em gratidão ao Senhor, que protegeu os judeus da 10ª praga, com pão ázimo no sêder.

[3] POVOS NÓRDICOS – Culto a *Eostre*, deusa da Aurora, na chegada da primavera. Lebres e ovos coloridos são utilizados como símbolos de fertilidade e de renovação nas festa pagã à deusa.

[4] SÉCULO I – Nascimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Páscoa cristã no domingo da ressurreição.

[5] SÉCULO IV (301/400) – Judeus e católicos (romanos e ortodoxos) celebravam a Páscoa no mesmo dia.

[6] 325 d.C. – O imperador Constantino Magno, no Concílio de Niceia, determina uma nova data para a Páscoa cristã, com base no calendário juliano.

[7] SÉCULO VII (601/700) – Ressignificação dos cultos pagãos pela Igreja, outorgada pelo papa Gregório I.

[8] 1519 – O espanhol Hernán Cortez chega ao México, conhece a bebida chocolate e a apresenta à Europa.

[9] 1582 – O papa Gregório XIII cria o calendário gregoriano, alterando o método de calcular a data da Páscoa. Os ortodoxos mantêm-se féis ao Concílio de Niceia. A data da Páscoa passa a ser diferente para romanos e ortodoxos. Os judeus mantêm o calendário hebraico como referência.

[10] 1636 – Antonio León Pinelo publica um trabalho sobre a discussão se o chocolate quebrava ou não o jejum da Quaresma. O livro, chancelado pela Igreja Católica, *Cuestión moral: si el chocolate quebranta el ayuno eclesiástico*, defende que a bebida chocolate, se preparada apenas com água, não quebra o jejum.

[11] SÉCULOS XVI (1501/1600) A XVIII (1701-1800) – Todos os papas entre 1523 e 1740 (datas do início dos papados) opinaram que o chocolate não quebrava o jejum da Quaresma.

[12] ANOS 1700 – Confeiteiros franceses fazem ovos maciços de chocolate para a Páscoa, em substituição aos ovos de galinha decorados.

[13] 1828 – Van Houten, na Holanda, cria um processo para extrair a manteiga de cacau e depois fazer um pó com o restante da massa, um marco para o consumo do chocolate sólido.

[14] 1847 – A empresa britânica de chocolate J. S. Fry & Sons, de Bristol, desenvolve uma técnica para misturar o pó do cacau ao açúcar e à manteiga do cacau derretida, obtendo assim um líquido mais consistente que poderia ser colocado em moldes e resfriado até solidificar.

[15] 1870 – Data do registro do primeiro molde para chocolate, feito de lata estanhado e produzido pela Maison Létang et Rémy, em Paris. Isso já apontava para uma possível produção de ovos de chocolate de Páscoa artesanais.

[16] 1873 – A J. S. Fry & Sons produz o primeiro ovo de chocolate para as festividades da Páscoa.

[17] 1875 – O suíço Daniel Peter descobre como adicionar leite em pó ao chocolate, recebendo ajuda de Henri Nestlé. Nascia, então, o primeiro chocolate ao leite, sinônimo de ovos de Páscoa e sabor mais popular do chocolate.

[18] 1879 – O suíço Rodolph Lindt desenvolveu a técnica de conching, permitindo o pleno desenvolvimento do sabor, aroma e textura do chocolate.

[19] 1885 – Início da tradição dos ovos do joalheiro Peter-Carl Fabergé para atender ao desejo do czar Alexandre III, da Rússia, que buscava um presente de Páscoa para sua esposa.

[20] SÉCULO XX (1901/2000) – A partir do fim do século XIX e início do XX, o chocolate e os ovos e coelhos feitos de chocolate consolidam-se como os mais importantes símbolos comerciais da Páscoa cristã.



Figura 17: Linha do tempo/História da Páscoa: da deusa *Eostre* ao primeiro ovo de chocolate.

8. Referências Bibliográficas

BELMAIA, N. A. W. De Eostre a Easter: ressignificação de um culto pagão na Inglaterra Medieval? **Tempos Históricos**. v.20, p.89-116, 2º semestre de 2016.

_____. Do Pessach à Pascha: ressignificação dos significantes da Páscoa judaica pela Páscoa cristã. **Antíteses**. v.10, n.19, p.543-564, jan./jun. de 2017.

BERNADO, A. Quais as diferenças e semelhanças entre a Páscoa judaica e a cristã? **BBC**. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/general-43578076>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CARDOSO, M. Você sabe o que se come na *Pessach*, a Páscoa judaica? **Folha UOL**. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/folhinha/2013/03/1253476-voce-sabe-o-que-se-come-na-Pessach-a-pascoa-judaica.shtml>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

CHOCOLATE Easter Eggs. **Chocolate Trading Co**. Disponível em: <www.chocolatetradingco.com/magazine/features/history-chocolate-easter-eggs>. Acesso em: 6 fev. 2021

COE, S. D.; COE, M. D. **La Verdadera Historia del Chocolate**. Trad. Marco Antonio Pulido Rull. México: 3ª ed., Fondo de Cultura Económica, 2018.

COMO proceder em casos de falecimento? **Chevra Kadisha**. Disponível em: <www.chevrakadisha.com.br/regras-do-luto/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

CONEGERO, D. O que é pão ázimo na Bíblia? **Estilo Adoração**. Disponível em: <<https://estiloadoracao.com/pao-asmo-significado-na-biblia/>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

EASTER or Eostra, a Germanic Goddess. **Proto-Indo-European Religion**. Disponível em: <<http://piereligion.org/easter.html>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

Eostre. **Wikipedia**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Eostre>>. Acesso em: 9 fev. de 2021.

FAGUNDES, A. Conheça os segredos do Pessach, a Páscoa judaica. **UOL**. Disponível em: <www.uol.com.br/nossa/cozinha/noticias/redacao/2014/04/14/conheca-os-segredos-do-Pessach-a-pascoa-judaica.htm>. Acesso em: 17 fev. 2021.

GASTON-BRETON, T. Fry et le chocolat en tablette. **Les Echos**. Disponível em: <www.lesechos.fr/2003/08/23-fry-et-le-chocolat-en-tablette-1058952>. Acesso em: 9 fev. 2021.

HAPPY Easter: A brief exploration into the origins of easter. **The Nature of Business**. Disponível em: <<https://thenatureofbusiness.org/2015/03/30/happy-easter-a-brief-exploration-into-the-origins-of-easter/>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

IGREJA realiza o primeiro concílio de Niceia. **UOL History**. Disponível em: <<https://history.uol.com.br/hoje-na-historia/igreja-realiza-o-primeiro-concilio-de-niceia>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BEAUTIFUL Title Pages 5: Chocolate, Morals and the Birth of the British Museum. **JF Ptak Science Books**. Disponível em: <<https://longstreet.typepad.com/thesciencebookstore/2008/05/chocolate-moral.html>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

J. S. FRY & SONS. **Wikipedia**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/J._S._Fry_%26_Sons>. Acesso em: 9 jan. 2017.

KEAY, L. How Cadbury's rose: Nostalgic photos reveal how Britain's favourite chocolate manufacturer went from single shop to global empire over two centuries. **British Corner Shop**. Disponível em: <<https://blog.britishcornershop.co.uk/2019/04/the-origins-of-the-chocolate-easter-egg/>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

LARA, J. L. T. El cacao y su esencia luciferina. **Artes de México**. Disponível em: <<https://artesdemexico.com/el-cacao-y-su-esencia-luciferina/>>. Acesso em: 24 fev. de 2021.

LAVENERE, L. *Eostre*. **O admirável mundo novo de Lulu**. Disponível em: <<https://luizalavenerere.wordpress.com/2009/04/15/Eostre/>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

LERNER, B. Gastronomia e a Páscoa judaica. Entrevista oral concedida a Jumar S. Pedreira. São Paulo, 16 fev. 2021.

MALTEZ, J. Saiba mais sobre Easter, a deusa da Páscoa de "Deuses Americanos". **Aficionados**. Disponível em: <www.aficionados.com.br/easter-pascoa-deuses-americanos/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MATTHIES, J. A história do Concílio de Niceia em 325 d.C. **YouTube**. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=g9nSYqSq2Gw>. Acesso em: 14 fev. 2021.

_____. As diferenças entre a Páscoa judaica e a Páscoa cristã. **YouTube**. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=OtZu2QBX0gY>. Acesso em: 14 fev. 2021.

MENDES, D. Chocolate e a Páscoa judaica. Entrevista oral concedida a Jumar S. Pedreira. São Paulo, 18 fev. 2021.

MITOLOGIA Nórdica. **Wikipedia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mitologia_nórdica>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MORENO, Mario. A Culinária Judaica através dos Tempos. **Shemaysrael.com**. Disponível em: <<https://shemaysrael.com/a-culinaria-judaica-atraves-do-tempos/>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

MOSLEN, M. Sham El-Nessim: Egypt's oldest celebration. **Egypt Today**. Disponível em: <www.egypttoday.com/Article/4/47334/Sham-El-Nessim-Egypt's-oldest-celebration>. Acesso em: 17 fev. 2021.

NETO, R. D. T. A maravilha de Fabergé: a história por trás dos ovos de Páscoa mais luxuosos do mundo! **Rainhas Trágicas**. Disponível em: <<https://rainhastragicas.com>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

O QUE aconteceu no concílio de Niceia? **Opus Dei**. Disponível em: <<https://opusdei.org/pt-br/article/o-que-aconteceu-no-concilio-de-niceia/>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

OEUF de Pâques. **Wikipedia**. Disponível em: <https://fr.m.wikipedia.org/wiki/Œuf_de_Pâques>. Acesso em: 9 fev. 2021.

OVO de Páscoa. **Wikipedia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ovo_de_Páscoa>. Acesso em: 23 mar. 2017.

PAGE, R. I. **Anglo-saxan paganism**: the evidence of Bed. Hofstra: Houten and MacDonald, 1995.

PÁSCOA judaica: uma festividade sem pão, mas com muito conteúdo. **Terra**. Disponível em: <www.terra.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PASSOVER sacrifice. **Wikipedia**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Passover_sacrifice>. Acesso em: 19 fev. 2021.

SGANZERLA, E. **Pêssanka: a arte ucraniana de decorar ovos**. São Paulo: Esplendor Ed., 2011.

SO You Think Easter Is Pagan Part 1: Ishtar, *Eostre*, Eggs and Bunnies. **Truth Snitch**. Disponível em: <<https://truthsnitch.com/2018/03/10/think-easter-pagan-part-1-ishtar-Eostre-eggs-bunnies/#sthash.k5Oxaj8T.dpbs>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SO You Think Easter is Pagan Part 2: The Constantine Conspiracy. **Truth Snitch**. Disponível em: <<https://truthsnitch.com/2018/03/15/think-easter-pagan-part-2-constantine-conspiracy/>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

SO You Think Easter is Pagan Part 3: Modern Easter Tradition. **Truth Snitch**. Disponível em: <<https://truthsnitch.com/2018/03/20/think-easter-pagan-part-3-modern-easter-tradition/>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

TAMANINI, P. A. Por que católicos romanos e ortodoxos celebram a Páscoa em datas diferentes? **Ecclesia**. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/fe_crista_ortodoxa/por_que_catolicos_romanos_e_ortodoxos_celebram_a_pascoa_em_datas_diferentes.html>. Acesso em: 21 fev. 2021.

THE history Easter Eggs. **Love Food**. Disponível em: <<https://www.lovedfood.com/news/56494/the-history-of-easter-eggs>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

TOMAZ, P. C.; PELEGRINI, S. C. A. A celebração da Páscoa judaica e as tradições culturais: simbologia e significado. **PPH/UEM - UEM/NEE/UNICAMP**. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=37&lid=2248>. Acesso em: 11 jan. 2021.

TOPEL, M. F. As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a antropologia. **Horizonte Antropológico**, vol.9, n.19, Porto Alegre, jul. 2003. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100009>. Acesso em: 20 fev. 2021.

WINTERTHUR Museum acquires one of the earliest known American depictions of the Easter bunny. **Art Fix Daily**. Disponível em: <www.artfixdaily.com/news_feed/2011/04/18/1111-winterthur-museum-acquires-one-of-the-earliest-known-american-dep>. Acesso em: 16 fev. 2021.

WYATT, C. Por que a data da Páscoa varia tanto? Entenda como ela é determinada. **BBC**. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/general-43558652>. Acesso em: 21 fev. 2021.

ZEROA. **Wikipedia**. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Zeroa>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

ZILLES, U. **Significados dos Símbolos Cristãos**. Capítulo 1.4: O ciclo pascal. EDIPUCRS, 6ª ed. Porto Alegre: 2009. p.36-46.



Figura 18: Ovo de Páscoa.

Foto: Camila Camacho - Arte em chocolate do Chef Chocolatier Alexandre Bispo.
